

# LEMBRANÇAS

GILLES GASTON GRANGER

*O filósofo francês recorda o tempo em que lecionou na faculdade da rua Maria Antonia, seus alunos e a cidade*

**1**947. O vapor com o belo nome de ilha —o “Désirade”— desliza sobre as águas de Santos e atraca. O cheiro acre de café verde é estranho aos viajantes vindos da França. Um homenzinho redondo e risonho, no cais, nos acena... João Cruz Costa, cuja bondade, erudição e humor eu deveria logo conhecer. Subimos em direção a São Paulo pela estrada velha, que serpenteia, atravessando a Serra do Mar.

Minha primeira visão da capital: o viaduto do Chá, o Anhangabaú, a charmosa praça Ramos e seu diadema de palmeiras —vistos do 11º andar do hotel São Paulo, o então mais novo e mais belo. A cidade já era em seu centro aberta por um tráfico incessante, confuso, barulhento, inextricável na hora brusca do crepúsculo. Mas o Jardim Europa, onde eu deveria morar, estendia na calma as arquiteturas heteróclitas de suas residências, o vermelho, o amarelo e o lilás das árvores floridas, até a borda do mato, nas mar-

gens quase virgens do rio Pinheiros. Só mais tarde conheci a miséria dos bairros da região norte daquele tempo, com nomes entretanto tão poéticos: o Limão, Casa Verde, Nossa Senhora do Ó. O pequeno bonde bambaleante que seguia pela rua Augusta me conduzia então do balão das Nações ao centro. Conheci o tempo em que os cursos de Filosofia da USP eram dados na avenida São Luís, em seguida na Escola Normal da Praça da República e enfim na rua Maria Antonia, no prédio com peristilo evocador da pátria grega dos filósofos.

Nesses lugares, animados quase o tempo todo pelo vaivém dos estudantes e mestres, revejo ainda, bastante vivas, as imagens de Salvador, o bedel, dos sucessivos diretores: Astrogildo, Simões de Paula; de meus colegas: Cruz Costa, Lívio, Schutzer, Fernando de Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan, Bonzon, Bastidinho, Lourival, Antonio Candido, Gilda... Sérgio Miliet reinava então na Biblioteca Municipal e Oswaldo de

Andrade provocava as jovens imaginações. Estudantes de então, expostos à inexperiência de um mestre pouco menos jovem e às dificuldades da língua francesa, e depois àquelas de um português incerto, muitos por sua vez são hoje mestres: Giannotti, Bento Prado Jr., Roberto Cardoso; mais tarde Porchat, Dascal, Arley...

Foi-me permitido, para meu grande prazer, rever São Paulo em épocas sucessivas. Esta cidade enorme, sedutora e informe e cidade quase sem memória, mesmo totalmente transformada, abundante em bairros que são também cidades, preservava uma permanência estranha. Por isso, provavelmente, ainda que parisiense de nascimento e provençal por adoção, nunca cessei nem cessarei de habitá-la em meus sonhos.

1º de janeiro de 1988

GILLES GASTON GRANGER, 65, é professor do Collège de France na cadeira de Epistemologia Comparativa e autor de várias obras, entre elas, “La Connaissance Philosophique” (éd. Odile Jacob)

Folhetim, Paulo, 22.01.88